RELATOS DE VIAJANTES EM GOIÁS: DISCUSSÕES COM A HISTORIOGRAFIA REGIONAL

REPORTS OF TRAVELERS IN GOIÁS: DISCUSSIONS WITH REGIONAL HISTORIOGRAPHY

Adriano Freitas Silva[1]
Marcos Antônio de Menezes[2]

Resumo:
No início do século XIX, com a assinatura do decreto de abertura dos portos para as nações amigas, o Brasil foi "invadido" por pesquisadores/naturalistas provenientes de várias regiões da Europa. Esses viajantes vieram com seus olhares contaminados pelo mundo europeu e cada um, com o seu modo de ver, relatou a flora, a fauna, rios, montanhas, cidades e suas populações. Em Goyaz, como também no restante do país, os viajantes europeus oitocentistas viram o Brasil com seu olhar civilizador eurocêntrico. Para eles, a pobreza, os mestiços, o abandono e o negro eram empecilhos para o processo civilizatório da região. Ignoravam por completo o outro lado da história. Ao abordar este assunto, não podemos deixar de lado os relatos dos viajantes provenientes das regiões metropolitanas brasileiras, que, através de seus escritos, contribuíram para a formação da historiografia goiana. Nesse sentido, este artigo

[1] É atualmente estudante de Especialização em História Cultural na Universidade Federal de Goiás/Campus de Jataí. É membro do grupo de pesquisa em História Regional do Centro Oeste Brasileiro, possui diversas publicações ligadas à história de Jataí. Em 2012, lançou juntamente com dois pesquisadores o seu primeiro livro: *Jatahy: Espaços de Morar* que faz uma abordagem histórica e arquitetônica das casas do século XIX localizadas em Jataí. Email: afshist@gmail.com

[2] É professor adjunto da Universidade Federal de Goiás trabalhando na graduação em Jataí e na Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado) em Goiânia é autor de: Olhares sobre a cidade: narrativas poéticas das metrópoles contemporâneas. São Paulo: Cone Sul, 2000; Narrativas da modernidade: história, memória e literatura. Uberlândia: Edufu, 2011, Jatay: espaços de morar – 1880-1935. Goiânia: Editora da PUC/GO, 2012; O poeta da vida moderna: história e literatura em Baudelaire. Curitiba: editora CRV, 2013. Endereço de e-mail: pitymenezes.ufg@gmail.com

enfatiza os relatos desses viajantes em Goyaz e coloca em pauta as obras de artistas, como Rugendas e Thomas Ender, que estiveram na província goiana e usaram seus pincéis para apresentar à Europa esse "Novo Mundo" ainda desconhecido aos seus habitantes.
Palavras-chave: Viajantes, Goyaz, Século XIX.

Abstract:
In the early nineteenth century, with the signing of the decree opening the ports to friendly nations, Brazil has been "invaded" by researchers / naturalists from various regions of Europe. These travelers came with their looks contaminated by European world and each with its view, reported the flora, fauna, rivers, mountains, cities and their populations. In Goyaz, but also in the rest of the country, the nineteenth-century European travelers saw Brazil with his gaze Eurocentric civilizing. For them, poverty, mestizos, abandonment and black were impediments to the process of civilization in the region. Completely ignored the other side of the story. In addressing this issue, we can't leave aside the reports of travelers coming from metropolitan regions, which, through his writings, contributed to the formation of historiography Goiás. Accordingly, this article emphasizes the reports of these travelers Goyaz and brings forth the works of artists such as Rugendas and Ender Thomas, who were in the province of Goiás and used their brushes to Europe to present this "New World" still unknown to its inhabitants.
Keywords: Travelers, Goyaz, Nineteenth Century.

GOYAZ NO RELATO DOS VIAJANTES OITOCENTISTAS

No início do século XIX o Brasil era a última grande extensão territorial ainda inexplorada pelos europeus não portugueses. Essa falta de conhecimento se dava principalmente pelos entraves colocados pela Coroa Portuguesa, que não possibilitava acesso aos pesquisadores estrangeiros. A intenção era resguardar as informações sobre as potencialidades econômicas e os recursos exploráveis.

A proibição de entrada imposta pela Coroa Portuguesa fazia da colônia um lugar misterioso aos olhos dos estrangeiros. Na Europa corriam rumores sobre as imensas riquezas minerais escondidas no subsolo e as

infindáveis florestas tropicais repletas de plantas, animais exóticos e índios que ainda viviam na Idade da Pedra.

Todo esse cenário mudou com a chegada ao Brasil da Corte Portuguesa, que teve como um dos primeiros atos a abertura dos portos para as nações amigas. O resultado foi uma invasão estrangeira sem precedentes. Muitos visitantes percorreram o vasto território e encontraram aqui um mundo totalmente desconhecido.

Vainfas (2002) acentua que os viajantes do século XIX viabilizaram a difusão do conhecimento sobre o Brasil, sobretudo no campo das ciências. Segundo o autor, esses homens, herdeiros do Iluminismo, colocaram-se em movimento, pesquisando, coletando e relatando informações, nem sempre nítidas e muitas vezes preconceituosas sobre as sociedades e regiões visitadas.

Eles eram também influenciados pelo espírito do romantismo, marcado pela valorização da subjetividade, até mesmo no olhar sobre a natureza.

> O olhar científico — do cientista que observa de fora, tanto a natureza quanto os homens — aparecendo como que impregnado, de forma ambivalente, por uma sensibilidade romântica, mesmo que ela não se manifeste consciente e claramente. Junto ao olhar que se pretende neutro, que visa analisar algo que lhe é exterior (tanto a natureza inanimada, como o mundo vegetal, animal e humano) aparece a reverência diante da criação, a instantânea perda da objetividade e da neutralidade. Sentimentos e sensações que escapam ao domínio da explicação racional [...] Na tentativa de assimilar tal espetáculo, os homens lançaram mão da palavra, do desenho e da pintura, como formas de alcançar o conhecimento e garantir a memória (NAXARA, 2004, p. 148).

Transformações econômicas e filosóficas marcaram toda a Europa durante a segunda metade do século XIX. Andrade (2010, p. 46) salienta que esse período corresponde ao "momento em que a ciência se impõe como única explicação para todos os problemas da humanidade".

Os viajantes que estiveram no Brasil relataram o que viram, sempre tendo como referência sua pátria, aquilo que lá viram e aprenderam, ou seja, europeizando os relatos sobre o "Novo Mundo" ou romantizando suas narrativas.

De acordo com Corrêa (2001), o modelo dessas viagens era baseado na apreciação da paisagem natural, que se dava

> através da coleta, observação e classificação de espécimes naturais; bem como do reconhecimento metódico de dados geográficos, minerológicos e antropológicos, [...] realizados pelo "olhar" ilustrado de naturalistas que depositavam grandes expectativas no desvendamento da diversidade dos aspectos naturais desse imenso e fascinante país tropical e de seus habitantes, ainda considerados, pela visão eurocêntrica, como "exóticos e diferentes" (CORRÊA, 2001, p. 77).

Segundo Andrade (2010), a visão de mundo europeu dificultava vivenciar a diferença, pois os viajantes consideravam a Europa o centro de tudo. Os "outros" eram apreendidos e sentidos pelos valores e modelos da cultura europeia.

Vir ao Brasil exigia meses de preparo, visto que definições de itinerário, organização do material científico, ajudantes e cartas de recomendação do governo brasileiro eram quesitos necessários para a realização das expedições, geralmente pagas pelos governos europeus. Quem não conseguia esse patrocínio procurava vender os materiais coletados às instituições científicas. O incentivo dos governos europeus objetivava não apenas o desenvolvimento científico e cultural, mas também o conhecimento sobre as potencialidades exploráveis dos países visitados.

Os relatos dos viajantes estrangeiros sobre as diversas regiões do país continham conceitos e preconceitos e em Goyaz não foi diferente. Eles emitiam julgamentos e opiniões com base em sua perspectiva etnocêntrica.

Por Goyaz passaram viajantes como Johann Emanuel Pohl, D' Alincourt, August de Saint-Hilaire, George Gardner, Francis Castelnau, Johann Baptist Von Spix, Karl Friedrich Von Martius, e também Alfredo d'Escragnolle Taunay e Oscar Leal — estes últimos não europeus —, que, através de seus relatos, contribuíram para a historiografia goiana.

Em relação ao restante do Brasil, Goyaz foi procurado por poucos pesquisadores. Para Corrêa, a explicação para o pouco interesse

> pela Capitania de Goiás, elevada à Província em 1822, provavelmente se encontre menos nas dificuldades de acesso ao seu território do que no desconhecimento da

> existência, por parte desses naturalistas, das possibilidades e da riqueza do Sistema Biogeográfico do Cerrado, que abrange uma significativa diversidade de formas vegetais e espécimes faunísticas. Acresce que a própria situação socioeconômica de Goiás à época era pouco atraente para esses estudiosos estrangeiros (CORRÊA, 2001, p. 81).

Dos viajantes europeus que passaram pela província, todos tinham formação superior e vinham de uma Europa transformada pela Revolução Industrial, urbanizada, ansiosa por conhecer o que ainda restava a desvendar do "Novo Mundo": o Brasil.

Ao chegarem a Goiás, notaram certo declínio (CHAUL, 2002), sendo que, diferentemente da Europa, encontraram ausência de estradas, casas miseráveis, população preguiçosa e carente. Todas essas características apontadas pelos viajantes eram opostas à Europa, que no período estava prestes a gestar a Segunda Revolução Industrial.

Raimundo José da Cunha Matos[3] (1776-1839), em sua passagem pelo Arraial do Cocal, observava que

> este arraial, assentado na baixa de um monte, é um todo de ruínas em que apenas se conservam 48 miserabilíssimas casas dispostas em três ruas; a grande Igreja de São Joaquim, com cinco altares, uma rica custódia, e várias outras peças de prata e bons ornamento: está a cair [...] os habitantes deste distrito são pobríssimos, pretos e pardos, e vi um único homem branco. Eis o resultado da mineração (MATOS, 2004, p. 137).

Ao escrever sobre o arraial, Matos apresentou algumas características, como a quantidade das casas e ruas, descrevendo o local com palavras de discriminação ao espaço urbano e à população e usando expressões frequentes nos relatos dos viajantes europeus.

Auguste François César Provençal Saint-Hilaire[4] (1779-1853) também acreditava na "decadência dos arraiais goianos" e, ao descrever o Arraial de Rio Claro, afirmou que

> o referido Arraial encontrava-se em grande decadência e as tropas que ali passavam não encontravam

[3] Militar e político, Matos justificava os seus trabalhos como fruto de uma necessidade urgente de registrar os materiais coletados como incumbência das missões militares que o levaram a percorrer um vasto sertão até o extremo norte da província de Goiás.

[4] Naturalista francês, chegou ao Brasil em 1816 e percorreu boa parte do território até 1822.

> víveres para se reabastecerem, o cultivo da terra não interessava a esses homens, tão imprevidentes quanto aos próprios índios [...] em meio a tanta riqueza permanecem sempre na miséria (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 81).

A palavra decadência aparecia nas escritas dos viajantes que descreviam os arraiais e que não conseguiam compreender que em Goiás não havia ainda ocorrido um auge de desenvolvimento, como o verificado na Europa. Por outro lado, ao citar o cultivo da terra, Saint-Hilaire se deparava com outra questão: a agricultura, que era uma atividade pouco desenvolvida, devido às altas taxas cobradas pelo governo português.

As críticas dos viajantes aos arraiais goianos se estendiam ao que eles consideravam como ócio da população, refletido na preguiça da gente do sertão de Goiás e na carência de capital e de mão de obra. Para os viajantes era incompreensível que terras com tamanho potencial fossem envolvidas pelo marasmo e entregues à ociosidade de seu povo.

Para Johann Emanuel Pohl[5] (1782-1834), a preguiça não era uma característica só dos goianos, mas de todos os brasileiros. Em sua descrição sobre Vila Boa, ele afirma que

> os brancos são na maioria de origem portuguesa, em parte fugitivos e aventureiros e, no entanto, formam a primeira classe, o que se deve apenas à cor. Na maior parte são intoleravelmente altivos e soberbos, crentes dessa sua superioridade em relação às outras raças. Poucos melhoraram o caráter, antes exibem a vulgaridade de sua existência anterior. O ócio é a máxima felicidade dessa gente... Com essa inatividade e preguiça, os brancos decaíram tanto que à maioria deles falta até o necessário para comparecerem à igreja aos domingos (POHL, 1976, p. 141).

Matos (2004, p. 15) declarou: "Que misérias sofrem os moradores da província de Goyaz, no meio de terras as mais ricas e fecundas de todo o universo! A preguiça, a infernal preguiça é quem os mata".

Nos relatos sobre as características da cidade, nem Vila Boa, a capital da província, escapava das críticas dos viajantes europeus. Saint-Hilaire acentuava, ao analisar o espaço da capital goiana, a comparação com os edifícios europeus: "Quando falo dos

[5] Johann Emmanuel Pohl (1782-1834), médico e naturalista austríaco, viajou por Goiás entre dezembro de 1818 e junho de 1820. É autor de *Reise im Innern von Brasilien* (Viagem no Interior do Brasil. Viena,1832-1837).

prédios públicos não se deve imaginar que se trata dos enormes edifícios que se veem na Europa. Ali tudo é pequeno, tudo é mesquinho, sem beleza e até mesmo, segundo dizem, sem solidez" (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 51).

Conforme Andrade (2010), esses viajantes europeus viam em Goyaz apenas um deserto de homens, com carência de estrutura e sem perspectivas de vida, sem meios de comunicação e estradas, inertes, parados diante do ócio, muito diferente dos valores e atitudes da vida europeia. Diante dessa realidade que os ofuscava, não conseguiam perceber as razões econômicas que levaram a província àquela situação.

É interessante notar que, conforme os relatos de Saint-Hilaire, Pohl, Matos e outros, Goyaz era uma província sustentada pela ambição da mineração. Com o seu declínio, não havia outra atividade para impulsionar o desenvolvimento da região. Caso esse fato descrito pelos viajantes europeus seja verdade, como a província de Goyaz sobreviveu à decadência da produção aurífera?

A respeito dessa questão, Alfredo d'Escragnolle Taunay, engenheiro militar que lutou durante a Guerra do Paraguai e passou por Goiás no trajeto de sua tropa, relatou que

> os filhos daqueles inquietos exploradores compreenderam que era impossível continuar a ingrata mineração que exaure o solo e só enriquece o forasteiro, e então puseram-se não mais a cavar a terra, mas a cultivá-la, e de pronto colheitas feracíssimas, uma após outras, cada qual mais copiosa, recompensaram o abençoado trabalho [...] tanta fartura, excedente de muito às necessidades do limitado consumo, foi aos poucos, mas seguidamente, atraindo nova imigração de gente, e esta moralizada e afeita às lidas da agricultura. Foi assim que milhares de mineiros, paulistas e cearenses vieram e vêm sucessivamente vindo povoar e fertilizar os sertões de Goyaz, trazendo para essa nova terra de promissão todos os benefícios da confiança no futuro (TAUNAY, 2004, p. 35).

Ao observar Goiás em um período diferente daquele no qual se registrou a passagem dos viajantes europeus no final do século XIX, Taunay verificava com otimismo uma nova forma econômica na província goiana: o cultivo das terras. Suas análises contradizem os relatos dos europeus que fazem referência ao fato de que, com o final da mineração, muitas pessoas migraram para outras regiões do Império. Taunay enfatizava que o território goiano atraiu pessoas de di-

versas regiões em busca de terras para fertilizar e para a criação de gado — um dos principais fatores que contribuiu para a formação de cidades naquela região.

A ausência de comunicações, de estradas e a falta de ação dos habitantes criaram, no imaginário dos viajantes europeus, um confronto com suas visões de mundo, de progredimento, de civilização. Na análise de Andrade,

> não é possível a imposição do tempo do capitalismo aos homens da província de Goiás, pois suas necessidades eram ligadas, praticamente, à caça, à pesca e à coleta de frutos silvestres e mel: a satisfação não dependia de um esforço continuado e intenso, marcado pelo "tempo-relógio" capitalista. Era sazonal, dependente do ciclo irregular da natureza. Como exemplificação do olhar etnocêntrico dos viajantes, na perspectiva da noção de tempo, o trabalho assistemático, correspondente ao artesanato e à subsistência, era visto como ócio, escassez e pobreza (ANDRADE, 2010, p. 41).

Ao mesmo tempo em que os viajantes europeus oitocentistas destacavam o caráter de paralisação econômica e o ócio da população goiana, Taunay se mostrava otimista e em cada relato seu reiterava a confiança no crescimento futuro da região:

> Penetre-se cada goiano da necessidade de trabalhar com vigor e constância, sem desânimos e nem ambições repentinamente exageradas, melhore os produtos que já tem; cultive os outros; procure para eles escoadouros; resista com valor ao desalento e, dentro dos limites do restrito dever, com um contingente relativamente mínimo, concorrerá para grande e auspicioso resultado (TAUNAY, 2004, p. 10).

O viajante Oscar Leal[6], em sua passagem por Goyaz, também notou o potencial da região, e sobre Jataí, última cidade em que esteve pela província, relatou:

> O Jatahy, conquanto seja uma povoação tão recente que ainda tem a ventura de abrigar vivos os seus fundadores, é hoje uma villa notável pelos seus edifícios públicos e particulares, construídos por mãos hábeis, e pelo magnífico local em que se acha situada. É a

[6] Oscar Leal foi um viajante de descendência portuguesa que fez sua primeira viagem às terras goianas em 1882, quando estava com vinte anos.

> última povoação que existe n'esta banda de Goyaz [...] Conquanto menor que o Rio Verde, é superior por vários motivos, pois os homens ricos do Jatahy são mais patriotas e comprehendem melhor o alcance das cousas (LEAL, 1980, p. 193).

GOYAZ: O OLHAR DOS ARTISTAS VIAJANTES DO SÉCULO XIX

Com a transferência da Corte, outro grupo de viajantes, composto por paisagistas/pintores, veio para o Brasil. Entre eles estavam o austríaco Thomas Ender (1793-1875) e o francês Jean-Baptiste Debret (1768-1848), que se tornou um dos principais pintores do período.

Esses viajantes paisagistas produziram pinturas de expedições realizadas pelo interior, grandes capitais e principalmente da cidade de residência. Ao chegar ao chamado "Novo Mundo", os artistas vindos com as popularmente chamadas missões artísticas residiam na sede temporária do reino português, o Rio de Janeiro.

Segundo Fred Trivellato (2009), ao registrar uma imagem, os viajantes realizavam um recorte na paisagem, ou seja, optavam em mostrar aquilo que lhes chamava a atenção. Esses trabalhos contribuíram para construir o imaginário acerca do que era o Brasil.

Em 1816 chegou ao Rio de Janeiro a primeira missão artística, vinda da França. Esse grupo de artistas colaborou para a solidificação da produção nacional e transformação da imagem da cidade para algo condizente ao olhar do mundo civilizado.

Com a vinda incentivada pelo casamento da Princesa Leopoldina da Áustria com o Imperador Dom Pedro I, a missão artística austríaca chegou ao Brasil em 1817. Um dos integrantes era o pintor Thomas Ender, que percorreu terras goianas durante esse período e produziu várias imagens, como a mostrada na Figura 1.



Figura 1: *Vista da Cidade de Goyaz por Thomas Ender em 1819*
Fonte: O Vilaboense (2010)

Na pintura de Ender podemos identificar algumas características de Vila Boa, como as serras que circundavam a cidade. Em primeiro plano, o artista retratou um carro de boi, que no século XIX era um meio utilizado para o deslocamento de pessoas e especialmente de mercadorias. Algumas plantas, como a bananeira, também se destacam na tela. Através desse detalhamento da vegetação, Ender explicita sua formação como naturalista.

As iconografias produzidas se associavam aos relatos e tinham o intuito de descrever o modo como os diversos elementos compunham cada lugar. Os pintores e desenhistas aproveitavam seu trabalho para difundir o nosso país para o exterior. Os lápis e pincéis desses artistas "deveriam transformar-se no veículo documentador que levaria à Europa [...] imagens reveladoras de recônditos deste espaço tropical, então bem pouco conhecido pela ciência ilustrada" (DIENER; COSTA, 1999, p. 83).

Outra expedição que percorreu as terras goianas foi a Langsdorff, de origem russa. Comandada por Gregory Ivanovitch Langsdorff, viajou pelo interior do Brasil entre 1822 e 1829, passando pelas regiões de Minas Gerais, Mato Grosso, Goiás, Rio de Janeiro e São Paulo. Essa expedição fazia parte dos esforços do Czar Alexandre I em reavivar as relações comerciais com o Brasil, que haviam sido prejudicadas no governo de Dom João VI. Como integrantes desse grupo estavam Johann Moritz Rugendas, Aimé-Adrien Taunay e Hercules Florence.

Na imagem *Habitantes de Goyaz* (Figura 2), Rugendas evidencia traços semelhantes aos dos vaqueiros dos pampas gaúchos e animais diferenciados da região em foco, o que leva à inferência de que os viajantes relatavam e pintavam de olhos fechados; tudo o que sabiam ou viam era comparado com a velha Europa.



Figura 2: *Habitantes de Goyaz de Johann Moritz Rugendas*
Fonte: Corrêa (2001, p. 104).

Durante anos, todo o material produzido pelos naturalistas permaneceu em acervos de museus, mas, no final do século XX, grande número de estudiosos, historiadores, artistas e instituições manifestaram interesse em resgatar esses registros que fazem parte do patrimônio histórico, artístico e cultural do nosso país. Exposições e projetos institucionais desenvolvidos por museus, curadorias e universidades, bem como trabalhos realizados por pesquisadores, têm permitido o conhecimento acerca dessas obras e a relação delas com o presente, que se dá por meio de projetos de revisitas a esses caminhos trilhados por cientistas e artistas viajantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim como em Minas Gerais, as primeiras concentrações urbanas em Goiás se formaram com a mineração. Quando se iniciou a exploração aurífera, toda a vida social e econômica goiana girava em torno dessa atividade.

Com o declínio da mineração, houve redução no crescimento populacional em Goiás. Muitos mineradores voltaram para as suas províncias de origem, deixando Goiás com uma característica de abandono.

A agricultura era uma atividade secundária na província e desprezada pelos mineradores no início do século XIX. Omissões governamentais, dificuldades de circulação de mercadorias e também o imposto que era cobrado sobre essa atividade — o dízimo, considerado exorbitante pela situação que a Capitania vivia na época — foram fatores que atrasaram o desenvolvimento da agricultura na região.

Os viajantes europeus e paisagistas que estiveram em Goiás no início do século XIX vieram todos no período final da mineração. Descreveram e pintaram a região com olhos fechados, pois tudo com o que viam era comparado à Europa. Esses viajantes não levaram em consideração que a província havia recentemente sido formada e que não havia passado por um processo de desenvolvimento e modernização como ocorrera na Europa.

Todavia, os viajantes nacionais, como Taunay e Leal, mesmo tendo passado em Goiás no final do século XIX, viram focos de progresso, diferentemente dos demais viajantes oitocentistas que acreditavam num total abandono da província. Eles relatavam que o progresso na província ia se consolidar, porém, demandaria tempo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, K. S. *Atlas toponímico de origem indígena do estado do Tocantins*. Goiânia: Editora da PUC--Goiás, 2010.

CHAUL, N. F. *Caminhos de Goiás*: da construção da decadência aos limites da modernidade. Goiânia: Edufg, 2002.

CORRÊA, M. M. S. Naturalistas e viajantes estrangeiros em Goiás (1800-1850). In: CHAUL, N. F.; RIBEIRO, P. R. (Orgs.). *Goiás*: identidade, paisagem e tradição. Goiânia: Editora da UCG, 2001. p. 75-121.

DIENER, P.; COSTA, M. F. *A América de Rugendas*: obras e documentos. São Paulo: Estação Liberdade; Kosmos, 1999.

LEAL, O. *Viagem às Terras Goyanas (Brazil Central)*. Goiânia: Editora UFG, 1980.

MATOS, J. R. da C. *Itinerário do Rio de Janeiro ao Pará e Maranhão, pelas províncias de Minas Gerais e Goiás.* Belo Horizonte: Instituto Cultural Amilcar Martins, 2004.

NAXARA, M. R. C. *Cientificismo e sensibilidade romântica*: em busca de um sentido explicativo para o Brasil no século XIX. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004.

O VILABOENSE. Disponível em: <http://ovilaboense.blogspot.com/2009/04/thomas-ender-em--goyaz-1819.html>. Acesso em: 09 nov. 2010.

POHL, J. E. *Viagem no Interior do Brasil*. Tradução de Milton Amado e Eugênio Amado; apresentação e notas de Mário Guimarães Ferri. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1976.

SAINT-HILAIRE, A. de. *Viagem à província de Goiás*. Tradução de Regina Regis Junqueira; apresentação de Mário Guimarães Ferri. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1975.

TAUNAY, A. *Goyaz*. Goiânia: Instituto Centro Brasileiro de Cultura, 2004.

TRIVELLATO, F. T. O Brasil das pinturas e fotografia de viajantes: geografias, narrativas e imagens do Brasil. In: II ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO, 2009, São Paulo. *Anais do II Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico*: Universidade de São Paulo, 2009.

VAINFAS, R. *Dicionário do Brasil Imperial.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

Artigo recebido em 11 de setembro de 2011
e aceito em 30 de novembro de 2011